

Ulysses faz Constituinte correr contra o tempo

“Vamos votar” é a palavra de ordem que move o plenário

Franklin Martins

BRASILIA — Na segunda-feira passada, por volta das oito da noite, o presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, percebendo que muitos deputados e senadores, já cansados depois de seis horas de votação, preparavam-se para deixar o plenário, advertiu-os: “Senhores, ainda temos mais três votações pela frente hoje. Vamos ficar e votar.”

— Chega! Chega! Ninguém aguenta mais! — gritaram das bancadas ocupadas pelo *Centrão*.

— Senhores, vamos fazer um esforço. Afinal, fomos eleitos e somos pagos para isso. O Brasil espera pela nova Constituição — respondeu Ulysses, arrancando palmas do plenário.

Quem já ia saindo teve de voltar e os trabalhos recomeçaram em ritmo acelerado. Uma hora mais tarde, pouco antes de terminar a sessão, Ulysses anunciou: “Batemos um recorde. Hoje votamos 23 destaques e vencemos 72 emendas. Ganhamos o nosso dia.” Os constituintes aplaudiram-no de pé, rendendo-se à evidência de que é graças à mão de ferro com que Ulysses vem dirigindo os trabalhos que a Constituinte está alcançando altos índices de produtividade.

Exemplo — Desde que anunciou ao país que a Constituição ia sair “na marra” e que ele seria o “*marreteiro* da Constituinte”, Ulysses imprimiu um estilo severo e um ritmo febril às discussões e votações, alternando apelos patrióticos com frases irônicas para inibir os loquazes, chamar à ordem os dispersivos e segurar no plenário os mais ariscos.

Ele próprio é o primeiro a dar o exemplo. Invariavelmente chega ao plenário por volta das três da tarde, senta na sua cadeira e

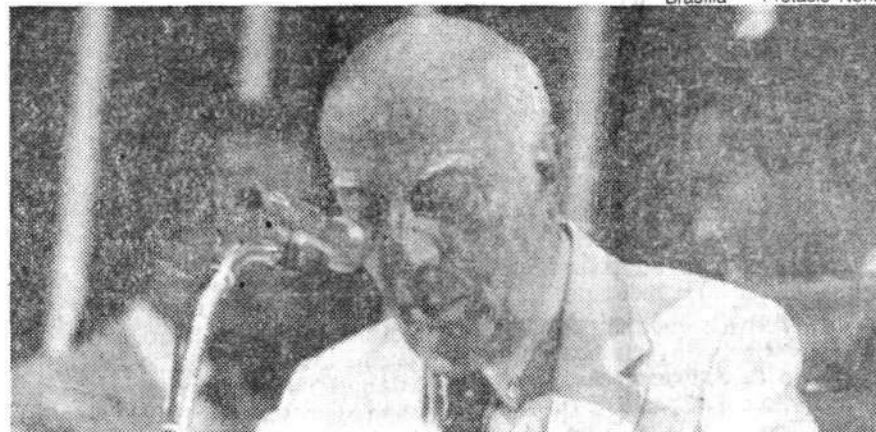
dela só se levanta quando termina a sessão, geralmente entre nove e dez da noite. Não sai do seu posto nem para ir ao banheiro. “Está provado que, apesar da idade, ele não sofre de incontinência urinária”, concluiu, em tom de brincadeira, o petista Paulo Delgado (MG).

A resistência e a presença de espírito de Ulysses, ao longo de sua maratona diária de trabalho na Constituinte, apagaram as lembranças das gafes e inconveniências cometidas por ele cerca de um ano e meio atrás. Naquela época, tomou medicamentos errados, a conselho médico, e passou a comportar-se de maneira estranha. Depois de uma viagem aos Estados Unidos, cortou o remédio, passou a tomar lítio e o problema foi superado.

Incansável — Hoje a rotina de Ulysses é de deixar muito jovem com a língua de fora. Começa às sete da manhã, quando recebe e dá telefonemas aos amigos mais próximos, trocando idéias e amadurecendo decisões. Em seguida, começam as reuniões em que promove acordos na Constituinte, apara arestas dentro do PMDB e enfrenta as tensas relações com o Palácio do Planalto. Depois do almoço, preside a Constituinte e, muitas vezes, tarde da noite, ainda participa de novas reuniões ou comparece a jantares. No entanto, não demonstra cansaço e nem boceja durante as sessões. Mesmo quando parece não prestar atenção a um discurso mais chato, está atento. Pode dirigir uma frase ferina ou uma advertência a alguém, logo em seguida — tudo para apressar os trabalhos da Constituinte.

O deputado Osmir Lima (PMDB-AC), por exemplo, com uma emenda apoiada por todas as lideranças e, portanto, praticamente aprovada, quis encaminhá-la da tribuna. Ulysses, preocupado em ganhar alguns preciosos minutos, perguntou ao parlamentar acreano: “Vai querer mesmo falar? Mas há acordo... Olha que, falando, às vezes atrapalha.” Lima achou melhor desistir da palavra em meio às risadas do plenário.

Nem o líder Mário Covas, do PMDB,



Ulysses: rispidez para votar Constituição “na marra”

que Ulysses trata com especial deferência, escapou de um comentário rispido do presidente da Constituinte, quando fez menção de encaminhar uma votação na qual havia acordo. “V. Ex^a vai falar em nome pessoal ou como líder?”, perguntou. “Como líder”, respondeu Covas, quase desculpando-se, surpreendido com o tom severo de Ulysses. “Ah! Como líder, eu sempre sigo V. Ex^a”, devolveu o presidente da Constituinte, cordialmente, sentindo que havia sido duro com Covas. Este, porém, preferiu desistiu de usar a tribuna.

Professoral — Mas não é apenas constringendo deputados e senadores a desistirem dos encaminhamentos das votações que Ulysses vem ganhando tempo para as decisões. Nas respostas às questões de ordem, ela chega a ser grosseiro, cortando sumariamente a palavra dos parlamentares. O deputado José Tavares (PMDB-PR), numa oportunidade, demorou muito a expor sua dúvida. Foi repreendido por Ulysses: “Deixe de tantos prolegômenos e entre logo no assunto, deputado.” Ademir Andrade (PSB-PA) criticou uma decisão de Ulysses e recebeu uma resposta que não esperava: “V. Ex^a está querendo ocupar o meu lugar?”

Quando o interlocutor é muito insistente, Ulysses corta o som do microfone e vai em frente.

O líder Brandão Monteiro (PDT) tampouco escapou da ironia de Ulysses. Foi ao microfone comunicar a queda dos presidentes do Banco do Brasil, Camilo Calazans, e do Banco Central, Fernando Milliet. Vendo que a notícia poderia provocar debates que desviariam a Constituinte de seus trabalhos, Ulysses foi rápido: “Trata-se de uma emenda supressiva, pelo visto.” O comentário arrancou gargalhadas do plenário e, antes que acabassem, ele conclamou: “Vamos votar.”

“Vamos votar” é a palavra de ordem preferida de Ulysses hoje. Como um bedel ou um professor severo, ele convoca os parlamentares, antes das votações, a sentarem em suas bancadas, evitando o posto de votação avulso, que atrasa as decisões. “Todos sentados, todos em seus lugares, vamos votar”, fica repetindo, enquanto dezenas de parlamentares correm para seu lugares, muitas vezes esbarrando uns nos outros. Se as rodinhas não se desfazem, Ulysses insiste, tocando a campanha: “Não é hora de conversar, é hora de votar. Todos a seus lugares.”